

Visão social de um precursor

19 JUN 1997

O GLOBO

MARCOS ALMIR MADEIRA

Aquatro séculos da morte do jesuíta mestre, sucedem-se as homenagens. Anchieta ilustra em grau supremo a figura e a glória do herói desarmado. É o expoente do ato de educar, a lançar sua semente no solo de todos os perigos, fruto das hostilidades tropicais da terra e do homem.

Deu-nos uma pedagogia que não começou em sala de aula, mas na selva, nas praias, em céu aberto, ao contato direto com a realidade física, a realidade humana, a realidade social. Terão vindo daí sua pré-ciência, sua consciência mesma de uma educação funcional, de uma escola viva ou ativa, que só a partir de 1930 ganhou corpo entre nós. Num conceito justo, Anchieta foi uma força de presença — suave força: a concretização do espiritual, a objetividade nobre, uma lição de vida solidária.

Pelo poder de antecipar-se ou por sua intuição profética, construiu uma pedagogia aberta, viva, palpável, surgindo no topo da sua operação intelectual, não como o mestre distante, apenas livresco, mas gregário, interativo, a misturar-se com os seus filhos espirituais e a fazer do

ensino o que todo ensino há de ser: convívio, comunicação humana, transfusão de almas. Não será isso, por outras palavras, o que pretendem os filósofos modernos do ativismo pedagógico, da *living school*, da *école vivante*?

Aí está a linha pioneira na faina educativa do jesuíta-mor: o sentido intrinsecamente comunicativo do seu magistério — sentido realista, até mesmo por uma concepção “supletiva” do expediente pedagógico. E essa educação, o herói desarmado não a realizou apenas no primeiro estágio da lida catequética, mas, certamente, com mais largo empenho, no magistério em sala, na pedagogia alicerçada, ao ensino em colégio, onde a formação das crianças tinha também por escopo, e expressamente, a motivação moral e intelectual dos pais.

Uma tal dualidade de propósitos, além de revelar o alcance psicológico do trabalho educativo, avivava o essencial: sua intenção integrativa, seu interesse comunitário, sua inspiração social, em termos de ajustamento básico. Nesta altura, é para 1947 que nos devemos transportar, revivendo a advertência de Lourenço Filho: “É também por amor às crianças que devemos educar os adultos.”

Mas a pedagogia madrugadora de Anchieta e seu caráter funcional encontram um prolongamento, ou consolidação significativa, na especulação litero-educativa propriamente considerada. Uma prova disso brilhou no seu teatro, quando deu a conhecer o “Auto da pregação universal”, primeira peça teatral escrita no Brasil, como solidamente documentou (um só exemplo) o padre Serafim Leite:

Não se trata de arte literária pura e simples, mas de literatura interessada, por via de um teatro ou um tipo de recreação coordenada, socialmente útil. Esse mérito sobe de ponto quando verificamos que aquelas representações buscavam “edificar” colonos e o gentio. No caso, é de fato relevante a diversificação da platéia. Afinal, o público era realmente povo, e povo nascente.

Aí está a origem de uma literatura teatral democratizante ou de um teatro “popular” entre nós. Um registro de interesse para a história literária: Anchieta escreveu a peça em português e tupi, o que

fortalece a conclusão de que o avisado jesuíta buscava fazer da empresa literária um instrumento de comunicação extensiva — longitudinal. Quadrilíngüe, aliás, é a maior parte da sua poesia, composta em latim, tupi, português e espanhol.

É (...) por amor às crianças que devemos educar os adultos

Essa elaboração polimorfa poderá ser explicada com os próprios dados da sua realidade pessoal: africano de nascimento, rebenho de Tenerife, foi ele, pela sensibilidade e pelo tipo de educação intelectual, um luso e um hispânico simultaneamente. Como escritor e homem de ação, seus feitos e obras indicam o feliz amálgama que brotou da própria diversidade de seus componentes étnicos.

E terá sido o ecletismo das suas fontes originárias que, inspirando a humildade perante os valores contrários, lhe deu, enfim, a visão plural da inteligência e do destino da cultura, sem jamais perder de vista, é claro, a unidade moral do homem.

A quatro séculos da sua morte, ele nos

aparece como genuíno precursor de uma educação dinâmica e daquele outro realismo — realismo de espírito — que produziu a primeira escola integrativa, o primeiro projeto de educação “supletiva” e o primeiro teatro popular do Brasil. É justo louvar no mestre diferente o comunicador paladino, a escola comunicativa, ao ar livre, a comunicação expedita e corajosa entre raças, idades e vocações. E reconheçamos: no fundo do tempo, Anchieta é uma claridade — uma expressão de atualidade consoladora.

Muito deve o país ao engenho do intelectual de ação. À liturgia do padre, com todos os parâmetros culturais do educador. Ao pedagogo, ao didata. À sua gramática e suas epístolas. À sua poesia, suas aulas, suas peças — teatro de utilidade pública, comunitária social. E neste lance, seria de evocar com a lira de Fagundes Varela a lição cristã, o Evangelho na selva, a mais pura forma de reverenciar nas criações do padre-mestre a alvorada da escola brasileira.

MARCOS ALMIR MADEIRA é presidente do Pen Clube do Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico.